

# JORNALÕES CENSURAM CRÍTICAS

Por **Guilherme Zocchio,**  
**Luiza Monteiro**  
e **Victor de Andrade Lopes**

Muito tem se falado sobre a liberdade de imprensa no país. Alguns veículos mais enérgicos chegam até a dizer que hoje ela está ameaçada. O *Estado de S. Paulo* alega estar sob censura desde meados de 2009, quando foi judicialmente proibido de publicar notícias referentes à família Sarney. A *Folha de S. Paulo*, por sua vez, exaltou, em editorial de 26 de setembro, que a liberdade de imprensa é fundamental ao regime democrático brasileiro. E a revista *Veja* na capa da edição 2184 afirma que o governo Lula odeia a imprensa livre. Em contrapartida a tudo isso, dois casos recentes colocam em cheque essas posições, em especial as do *Estadão* e da *Folha*.

De um lado, o artigo da psicanalista Maria Rita Kehl publicado no dia do primeiro turno das eleições (3 de outubro) foi de encontro à linha editorial do *Estado*. Embora, num primeiro momento, admitisse que o jornal teve uma atitude digna ao declarar apoio ao presidente José Serra (PSDB), a articulista disparava duras críticas ao que seria a opinião de parcela considerável do eleitorado com maior poder aquisitivo. “Os votos dos pobres a favor da continuidade das políticas sociais implantadas durante oito anos de governo Lula não valem tanto quanto os nossos”, ironizava. A polêmica que decorre justamente do que seria a opinião de uma parte dos leitores do jornal suscitou na retirada da psicanalista do quadro de colunistas.

Do outro, o site “Falha de S. Paulo”, que parodiava a *Folha*, foi processado pelo jornal paulista. Criado por dois irmãos, Lino Bocchini e Mário Bocchini, respectivamente jornalista e designer, o site tinha como propósito satirizar a credibilidade que o jornal supostamente detém. Na ordem judicial empregada contra o “Falha” constava que havia um aproveitamento indevido do nome da marca, o qual poderia, de acordo com o que se alegava, levar o “consumidor mais desavisado” a crer que o conteúdo do site seria o mesmo conteúdo do jornal. Em ambos os casos, contudo, os dois veículos – *Folha* e *Estadão* – caem em contradição, na medida em que se colocam como defensores da liberdade de imprensa e de expressão, mas de certa forma omitem ou até mesmo censuram opiniões divergentes das suas linhas editoriais.

**O Estadão e as censuras** – Apesar de apenas a revista *Carta Capital* ter informado a respeito da suposta demissão, e da possível tentativa de censura do jornal, a repercussão deu-se majoritariamente na *internet*. O tamanho do episódio foi tal que o nome da ex-articulista figurou durante pelo menos três dias nos tópicos mais comentados do Twitter (*Trending Topics*). A notícia começou a circular devido a um tuíte do jornalista Xico

*Demissão de Maria Rita Kehl do Estadão e processo movido pela Folha contra paródia colocam diferença entre liberdade de imprensa, de empresa e de expressão*

## FALHA DE S. PAULO



“Falha de S. Paulo” satirizando matéria *Folha de S. Paulo*

## FALHA DE S. PAULO



Os irmãos Bocchini ironizando a suposta saída de Aécio Neves do PSDB

Sá, da *Folha*, no qual ele declarava que, primeiramente, o *Estado* havia pedido que ela não escrevesse mais sobre política. “O *Estadão* não demitiu Maria Rita Kehl mas exige q ela nao escreva mais sobre política. Só psicanálise” (sic), afirma, fechando a nota: “Quem explica, dr Freud?”.

Por sua vez, Kehl, em entrevista ao “Terra Magazine”, acusa o jornal de tê-la demitido por um “delito” de opinião que teria gerado reper-

cussão inaceitável para o diário. “Como é que um jornal que anuncia estar sob censura, pode demitir alguém só porque a opinião da pessoa é diferente da sua?” desabafa. O diretor de conteúdo do Grupo *O Estado de S. Paulo*, Ricardo Gandour, rebateu as críticas em entrevista ao mesmo site e garantiu que não a teria censurado. “Não houve censura, a coluna saiu integralmente, sem mexer em uma vírgula.”, disse ele. Segundo Gandour, os articulistas do jornal cumprem um ciclo, e é normal que haja uma troca periódica de colunistas.

O periódico paulista, no entanto, alega estar sob censura há 439 dias. O desembargador Dácio Vieira, do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT), determinou que *OESP* e o portal “*Estadão*” estão proibidos de publicar reportagens sobre a Operação Fator, mais conhecida como Boi Barrica. O recurso judicial foi apresentado pelo empresário Fernando Sarney, filho do presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP). Pai e filho enfrentam graves acusações: O pai é suspeito de nepotismo e corrupção. Já o filho, foi indiciado pela Polícia Federal por lavagem de dinheiro, tráfico de influência, formação de quadrilha e falsidade ideológica. Apesar dos recursos movidos pelo diário, a suposta censura perdura até hoje, mesmo depois do próprio filho de Sarney ter apresentado desistência da ação contra *OESP*. O jornal recusou o pedido de desistência, requisitando que a demanda fosse até o fim, chegando ao julgamento de mérito.

Em carta à ANJ, a Associação Nacional de Jornais, Fernando afirmou: “Orientado por meus advogados, recorri à Justiça em defesa dos meus direitos pessoais, quais sejam, minha privacidade, minha imagem e minha honra, que estavam sendo flagrantemente violados pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, ao divulgar diálogos protegidos por sigilo processual - o que constitui crime”, a que o jornal contesta alegando que cabe à Justiça, e não à mídia, zelar pela manutenção do sigilo, ou seja, se algum crime foi cometido, o culpado é um servidor público, e não o jornal. Essa contradição, no que diz respeito a outro grande da imprensa paulista ser praticante da censura, é contudo outra.

**A Falha da Folha** – “Julgamos que a suposta credibilidade de que a *Folha* ainda goza é um bom alvo. Ainda há muita gente que acha que a *Folha* é um jornal ‘de esquerda’, ‘moderno’, ‘imparcial’. E eu e meu irmão, definitivamente, não acreditamos nisso”. Foi por tão somente essa descrença, declarou Lino Bocchini ao **Contraponto**, que ele e seu irmão, Mário Bocchini, decidiram então parodiar o jornal de maior tiragem do país. Usando desde a ironia fina contra algumas posições do periódico e indo até mesmo à sátira mais

escrachada à equipe de redação, o *blog* ponderava, por meio do humor, muitas das qualidades que a *FSP* enuncia ao se colocar como “jornal do futuro”, “jornal a serviço do país”, ou mesmo como afirma em editoriais que “esta *Folha* procura manter uma orientação de independência, pluralidade e apartidarismo editoriais”.

A abrangência do que era publicado pelos irmãos foi tanta que obrigou o jornal paulista a entrar com um processo judicial contra “A Falha de S. Paulo”, no qual se exigia a retirada imediata do *blog* do ar. No caso contrário, os responsáveis teriam que arcar com uma multa diária de R\$100000. Lino Bocchini diz não ter muita certeza do que levou a *Folha* a processá-los, ele e o irmão, mas acredita que por tocar em pontos cruciais a respeito da qualidade do jornal o *blog* causou tanto incômodo. “Ele acertava em cheio a credibilidade do jornal. Todo o dinheiro que a *Folha* ganha, todas as assinaturas que mantêm, todo poder político que acumula, tudo isso é fruto de sua credibilidade. E essa tal credibilidade da *Folha* para nós nada mais é do que um produto de marketing. E combatíamos essa questão com humor, provocando, fazendo paródia”, conta.

Para que, no entanto, a ação processual tivesse legitimidade, a *FSP*, para não assumir posição explícita que insinuasse censura, usou de um mecanismo legal em que acusava os mantenedores da “Falha” de uso indevido da marca ou derivação desta. Entre as 88 páginas, nos 41 megabytes do PDF, do processo 583.00.2010.184534-2/000000-000, da 29ª Vara Cível, do Fórum Central João Mendes, remetido pela empresa *Folha da Manhã S/A* a Mário Bocchini (a quem pertencia o domínio *falhadesaopaulo.com.br*), expedido em caráter de urgência, consta que pelo fato do logotipo e o nome de ambas as publicações ser parecido poderia levar o “consumidor mais desavisado a crer que o conteúdo do referido site é publicado pela autora”. No *blog* sucessor do “Falha”, o “Desculpe a nossa falha” [vide box], onde é possível baixar o documento na íntegra, os autores chegam a classificar alguns trechos do processo como “Sem comentários!!!”.

Por outro lado, de acordo com o advogado Pedro Marcos Barbosa, professor de Direito da PUC-RJ e pesquisador em propriedade intelectual, o processo é questionável e inclusive equivocado. “O embasamento da decisão judicial que retirou do ar esse site é absolutamente equivocado, porque a marca é um tipo de propriedade que tem uma aplicação contextual”, afirma. Ele explica que, por se encaixarem em contextos diferentes, podem existir marcas de mesmo nome, mas com aplicações diferentes. “Porque a marca é uma propriedade contextual, e fora do contexto do jornal, de folha de imprensa vendida, qualquer um pode fazer referência crítica ou elogiosa à *Folha de S. Paulo*”, completa.

Avaliando a atitude da *FSP*, Lino Bocchini diz que, por mais que ainda houvesse uma semelhança entre o logotipo e a marca do jornal, por serem tanto o *blog* quanto o periódico veículos de comunicação, a ação não passou de “desculpa que eles encontraram para tirar o nosso site do ar”. O jornalista continua, lembrando que, em caso parecido, o cartunista Ziraldo, quando lançou a revista *Bundas* – paródia da revista *Caras* –, nunca foi processado ou alvo de ação do tipo, mesmo que, neste caso, o produto de sua paródia fosse, além disso, comercializado em bancas de jornal. E Barbosa critica, disparando que a imprensa paulista usa de argumentos para defender a liberdade de expressão quando convém, e que “quando a crítica é contra eles, então não vamos ter liberdade de expressão”.

Com os casos, sobram diferenças entre o que é a liberdade de imprensa defendida pelos jornalões e a liberdade de expressão: no caso de uma colunista que elogia o veículo ao qual escreve, mas de que se coloca em posições incômodas; e no caso de uma paródia, recurso recentemente legitimado pelo Supremo Tribunal Federal, a qual vai de encontro aos interesses do jornal mais lido do país. Bocchini conclui, dizendo que “se fosse

apenas essa questão de uso indevido da marca, eles não teriam pedido (e conseguido) também uma liminar contra o Registro.br, órgão brasileiro que emite e gerencia todos os domínios terminados em .br. Na hora em que eles pedem pra casar nosso endereço direto na fonte, o argumento de que era só ‘uso indevido de marca’ cai por terra. Não dá pra dourar a pílula: foi sim censura”.



“Falha” anunciando o recorde de acusações da *Folha* à candidata Dilma Rousseff

“Falha” criticando a falta de posicionamento da *Folha de S. Paulo*



Ironia de Mário e Lino Bocchini no “Falha de S. Paulo”



## Falhamos: “Desculpe a nossa falha”

O *blog* “Falha de S. Paulo”, criado em 10 de setembro pelos irmãos Bocchini, tinha como principal objetivo satirizar e ironizar a *Folha de S. Paulo*. Parodiando capas e manchetes, buscava colocar em cheque a credibilidade do jornal paulista. Em *post* de 9 de outubro, por exemplo, intitulado “Datafalha, cada um vê o que quer”, dados de pesquisa recente do Datafolha que anunciavam Dilma com 48% e Serra com 41% das intenções de voto eram analisados de acordo com o grau de importância que alguns dos principais portais de notícias da internet lhes atribuíam. Na página do UOL, a principal foto era de uma porção de coxinhas; no G1, o título principal referia aos dados da pesquisa; o IG dava como principal chamada a conquista de Vettel no GP do Japão; o Terra não mencionava nada relacionado aos resultados; e, por fim, o *Estadão* e a *Folha* davam como principais chamadas as estatísticas do instituto, de modo a insinuar que o Datafolha talvez não seja tão prestigiado quanto se coloca.

Após a liminar que tirou o *blog* da rede, Mário e Lino Bocchini criaram o “Desculpe a nossa falha” para substituir o endereço censurado e manter uma forma de comunicação com antigos leitores e simpatizantes. Dessa vez com o objetivo de esclarecer tudo sobre a censura ao “Falha”, preocuparam-se também em prestar solidariedade à psicanalista Maria Rita Kehl, ex-articulista do *Estado de S. Paulo*. Na página publicaram a liminar da *Folha* sobre o site, a matéria da revista *Carta Capital* sobre tais casos de censura e no *post* mais recente o “flyer da censura”, espécie de *souvenir* dos tempos em que os internautas podiam acessar o “Falha de S. Paulo” de forma livre. Aos interessados, o endereço: <http://desculpeanossafalha.com.br/>

(@guizocchio)